

Arquivo secreto: dedicatória e cartas de amor na escrita de *Grande sertão: veredas*

Secret file: dedication and love letters written in Grande sertão: veredas

Ivana Ferrante Rebello

Universidade Estadual de Montes Claros – Montes Claros – Minas Gerais – Brasil



Resumo: O presente trabalho propõe a reflexão de um elemento de fora do perímetro textual: a dedicatória de *Grande sertão: veredas*, romance de João Guimarães Rosa, subsidiado pela leitura da correspondência trocada entre o escritor e sua mulher, Aracy Moëbius de Carvalho Guimarães Rosa. A análise desses dois elementos paratextuais possibilitou uma escuta diferenciada do romance, permitindo que os espaços da ficção e da vida pudessem ser entrecidos. A abordagem aqui apresentada, tal como defende algumas vezes o autor mineiro, considera o traço autobiográfico da sua ficção, o que se comprova por meio da análise cuidadosa da correspondência íntima de ambos.

Palavras-chave: Dedicatória; Correspondência; *Grande sertão: veredas*

Abstract: This study proposes a reflection of an element out of the textual perimeter: The inscription of *Grande sertão: veredas*, JG Rosa's novel, subsidized by the lecture of the mailing between the writer and his wife Aracy Moëbius de Carvalho Guimarães Rosa. The analysis of this two elements enabled a different interpretation of the novel, allowing a connection between real life and fiction. The present approach, as said Rosa, considers the autobiographic angle of his fiction, proved by criterious analysis of the innermost correspondence of both.

Keywords: Dedication; Correspondence; *Grande sertão: veredas*

*Todas as cartas de amor são
Ridículas.
[...]
Mas, afinal,
Só as criaturas que nunca escreveram
Cartas de amor
É que são
Ridículas.*

(PESSOA, 1972, p. 399)

É de conhecimento geral que João Guimarães Rosa acompanhou as etapas do projeto editorial de seus livros, estabelecendo intenso diálogo com seus editores. O escritor fez o projeto de capa de *Grande sertão: veredas*, indicando tipos e tamanhos de fontes para sua impressão e direcionou os trabalhos de ilustração de Poty, com esboços de desenhos para capa e miolo. Trata-se, portanto, de um livro em que a epígrafe, o título, a dedicatória, a forma estrutural da obra e o seu fechamento, que se encerra com a *lemniscata*, signo do infinito, constituem elementos que ainda hoje demarcam territórios de angústia para seu leitor.

Os documentos do arquivo pessoal de Guimarães Rosa revelam sua faceta de pesquisador. Encontram-se no IEB/USP as várias versões de narrativas, já publicadas, ou em elaboração, feridas pelas rasuras que o autor lhes fez como as alterações de ortografia ou de pontuação; a substituição de vocábulos; as observações feitas nas margens dos seus cadernos; o apuro em utilizar canetas de cores variadas para distinguir os vários tipos de registros. Tudo isso evidencia sua busca da forma precisa e exata. Conforme confidencia a Meyer-Clason, em carta datada de 9 de fevereiro de 1956, arquivada no Fundo João Guimarães Rosa, no IEB/USP, ele refez um conto 23 vezes, até chegar à narrativa pretendida.



Tal perfil reitera o cuidado que o estudioso de sua obra deve ter na empreitada de leitura. Admirável como contador de histórias, Guimarães Rosa revela-se igualmente notável como “fazedor de livros”. Sob tais premissas, este estudo apresenta a leitura de dois elementos paratextuais de *Grande sertão: veredas*, ainda não ouvidos pela enormidade de seus estudiosos – a dedicatória do romance e as cartas trocadas entre Aracy Moëbius de Carvalho Guimarães Rosa e o escritor mineiro. Os caminhos de análise revelariam, conforme demonstrarei a seguir, uma perceptível relação entre ambos.

O termo “paratexto” refere-se a um grupo de produções que acompanha o texto, tendo a função de introduzir, comentar e condicionar sua recepção. Gerard Genette, no livro *Paratexts: Thresholds of Interpretation* (1977), foi um dos primeiros a tratar da natureza, das funções e das significações do paratexto na literatura. Segundo ele, os elementos paratextuais são caracterizados como pertencentes a uma zona indefinida, sem limites rigorosos. Vistos como zona de transição e de transação, os paratextos ocupam um lugar privilegiado de influência no leitor. São os títulos, as epígrafes, os prefácios, as dedicatórias, as notas de rodapé e as ilustrações os elementos paratextuais primeiros que fazem a mediação entre o leitor e o texto. Também as escolhas tipográficas, como a variação de letras, seu tamanho, os realces dados à escrita pelo autor e até elementos externos à categoria do texto, podem funcionar como paratextos, tais como dados da vida do autor e sua correspondência. Dessa forma, o paratexto apresenta-se como uma categoria de relevância para a leitura de qualquer obra, podendo, inclusive, iluminar questões que o texto somente não poderia dizer.

Como se sabe, *Grande sertão: veredas* é uma obra cujo autor constituía-se em revisor severo, que cortava palavras e as substituía até encontrar a forma desejada. Este viés de leitura reafirma que os paratextos do romance ampliam a carga dialógica da obra, toda ela entretecida de vozes as mais variadas. De fato, essas zonas fronteiriças requisitam novas formas de ver e de ler.

A recente divulgação das cartas trocadas com seus tradutores para o alemão e para o italiano, Curt Meyer-Clason e Edoardo Bizarri, respectivamente, e a atenção dada à dedicatória da obra em tais cartas, pelo próprio autor, permitiu que se penetrasse um pouco mais na intimidade do homem que se inscrevia por trás do autor.¹ Não foi o acaso, pois, o motivador desta leitura.

A dedicatória da obra levou-me à correspondência passiva de D. Aracy de Carvalho Guimarães Rosa, em que está parte das cartas destinadas a ela pelo escritor mineiro. Essa correspondência foi trocada entre o final da década de 30 (Aracy e Guimarães Rosa conheceram-se em 1938) até 1960, mais especificamente entre

24 de agosto de 1938 e 18 de agosto de 1960², constando de 107 cartas, 44 postais, bilhetes e telegramas escritos por Rosa a Aracy. Revela, pois, os bastidores de um período extremamente produtivo para Guimarães Rosa – período em que escreveu *Sagarana*, *Corpo de Baile* e *Grande sertão: veredas*, suas obras mais celebradas. A leitura de tais cartas permitiu que se desvendasse, paralelamente à sua escrita ficcional, a escrita de uma biografia amorosa, lírica e confessional¹².

Nas cartas à Aracy, Guimarães Rosa fala de amor e lamenta constantemente a distância da mulher, ao mesmo tempo em que faz referências a seus livros, pedindo a ela opinião, acatando suas sugestões, recomendando-lhe que anotasse palavras ou cenas que lhe parecessem interessantes, para que ele as pudesse aproveitar em seus escritos.

Cartas, como se sabe, são escritas na intimidade, sem a intenção de um pensamento público ou doutrinário. Esta leitura, portanto, objetivou ultrapassar a mera curiosidade de penetrar na privacidade alheia. Por intermédio das cartas de amor, um Guimarães Rosa desconhecido do público revela-se:

Antes e depois, beijar, longamente, a tua boquinha. Essa tua boca sensual e perversamente bonita, expressiva, quente, sabida, sabidíssima, suavíssima, ousada, ávida, requintada, ‘rafinierte’, gulosa, pecadora, especialista, perfumada, gostosa, tão gostosa como você toda inteira, meu anjo de Aracy bonita, muito minha, dona do meu coração³.

Qualquer leitor da obra rosiana perguntar-se-ia que tipo de mulher teria sido capaz de despertar tal declaração de amor. Aos poucos, traços de uma Aracy corajosa, culta e inteligente, sob as fotografias de bela mulher publicadas, começam a surgir. Atuando como funcionária da embaixada brasileira na Alemanha, onde Guimarães Rosa era cônsul, Aracy foi responsável – segundo vários depoimentos de sobreviventes – pela transferência de muitos judeus ao Brasil, perseguidos pelo regime nazista alemão. É a única mulher homenageada no Museu do Holocausto, em Jerusalém, e é conhecida pela comunidade judaica, em São Paulo, como o “anjo de

¹ “Detalhe importante, a respeito do qual lhe pediria ficar atento, pessoalmente: é o de que seja incluída no volume, naturalmente, a dedicatória, à minha mulher, Aracy.” (2003, p. 130) e “Pedir-lhe-ia ainda a maior atenção e vigilância, a fim de que seja naturalmente incluída na edição alemã a dedicatória: “À Aracy,... etc.” – a qual, aliás, figura também na edição norte-americana.” (*Correspondência com seu tradutor alemão*, 2003, p. 171).

² – Segundo as pesquisadoras Neuma Cavalcanti, da Universidade Federal do Ceará, e Elza Miné, da Universidade de São Paulo, que estudam tal correspondência e preparam uma biografia de Dona Aracy Guimarães Rosa.

³ O texto completo pode ser lido em *Revista Veja*, Edição 2048, 20 de fevereiro, 2008.

Hamburgo”. Para João Guimarães Rosa, que a chamava de Ara, foi a companheira de vida.

Os estudos literários do século XX empenharam-se em negar a presença do autor; fetichizaram a obra, fazendo dela seu único objeto de estudo. Uma nova teoria literária, que desponta com vigor no ainda incipiente século XXI, tem-se debruçado nos arquivos e se dedicado à análise da correspondência íntima dos autores, não objetivando, está claro, trazer de volta a tendência ao biografismo, que inspirou os positivistas do século XIX, mas visando estabelecer outras relações de leitura, que possam auxiliar na compreensão da obra.

Em setembro de 2009, a revista *Época*, de circulação nacional, dá destaque a trechos de cartas escritas por Guimarães Rosa para Aracy. Esses trechos revelam sentimentos explícitos; interessam à literatura porque evidenciam o pulsar humano sob a figura do autor:

Mas meu amorzinho, para mim você não é só corpo, se bem que você é e será sempre a minha Vênus, a minha cocaína, o diabinho carnal que se apoderou da minha pele e penetrou em mim até a medula dos ossos. Quando é que irás compreender que eu sou mais teu do que é tua aquela pintazinha que tens no pé esquerdo, ou do que aquela verrugazinha que tens no flanco? Será que você está nesta hora também pensando em mim? Agora vou para a cama, para dormir com a camisolinha cor-de-rosa, depois de conversar um pouco com os chinelinhos chineses, que me falarão dos lindos pezinhos de sua dona⁴.

Os trechos acentuam características também presentes na ficção rosiana, embora, nestes, não se vejam os traços da linguagem trabalhada e poética que constitui a tônica de seus livros. O diabinho carnal que o autor vê em Aracy é recriado, de certa forma, em Diadorim, em Doralda, em Lalinha, na mulata Jini, em Nhorinhá, personagens da sua ficção. O que se pode afirmar, por meio da leitura das cartas trocadas entre o escritor mineiro e Aracy Moëbius, é que, paulatinamente às estórias de amor do campo ficcional, florescia uma história de amor, na vida de Guimarães Rosa. Tal história força o leitor a ler a dedicatória do romance *Grande sertão: veredas* com maior acuidade.

“A Aracy, minha mulher, Ara/pertence este livro.”: essa dedicatória é mais que homenagem, é doação, um reconhecimento do papel da mulher e leitora na vida do escritor e sinal de admiração de um marido à esposa. E é a porta de entrada do livro.

O que diz a dedicatória? Já se disse aqui que os paratextos são signos por meio dos quais a obra fala. Nas

inúmeras leituras a que este trabalho obrigou-me não encontrei estudos consistentes a respeito das dedicatórias nas obras literárias, ainda que muitos autores, em diferentes momentos, estendessem sua criação também a esse espaço, ultrapassando aqueles tradicionalmente legados às práticas do mecenato ou das influências.

Comumente definida como breve texto em homenagem a alguém em particular, a quem se demonstra admiração profissional ou pessoal, afeto ou gratidão por dívida intelectual, ou mera cortesia para com um amigo ou familiar, a dedicatória escreve-se, em geral, numa das páginas de abertura de um livro, frequentemente na página de rosto interior ou na primeira página em branco.

Balzac advertira, na sua época, que o tempo das dedicatórias já passara, aludindo a uma era em que o escritor não mais se obrigava a agradecer a seu mecenas. Um olhar recente destaca algumas dedicatórias, constituindo-se, elas próprias, partes do postulado à *poiesis*, que alguns autores fazem de selo autoral, como é o caso de Jorge Luís Borges, em *Fervor de Buenos Aires*. Na literatura nacional, Machado de Assis, em escrita de humor refinado, dedica seu livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas* “Aos vermes, que primeiro roeram as frias carnes do meu cadáver”, destacando-se tal dedicatória como excerto fundamental à leitura do seu romance.

Com o papel minimizado atribuído ao autor na contemporaneidade, as dedicatórias foram perdendo importância, chegando mesmo a não existir, como é comum à maior parte dos ficcionistas atuais. Para Gerard Genette, entretanto, “a falta da dedicatória, num sistema que comporta a sua possibilidade, é significativa como um grau zero.” (2009, p. 124).

Em *Paratextos Editoriais*, Genette destaca que a dedicatória de uma obra é a mostra de uma relação entre o autor e alguma pessoa, grupo ou entidade. Segundo ele, “Para Fulano” comporta sempre uma parte de “Por Fulano”; o dedicatário é sempre responsável pela obra que lhe é dedicada. Sublinhando seu pensamento, arremata: “Este pouco não é nada: ainda será preciso lembrar que, em latim, para designar fiador se dizia *auctor*?” (2009, p. 124). Além disso, reitera-se que existe uma relação intrínseca entre dedicatário e leitor, a quem, segundo Genette, em primeira instância, toda obra é dedicada:

Qualquer que seja a dedicatória oficial, sempre existe uma ambiguidade na destinação de uma dedicatória de obra, que sempre tem em vista pelo menos dois destinatários: o dedicatário, é claro, mas também o leitor, já que se trata de um ato público no qual o leitor é de algum modo chamado a testemunhar. (GENETTE, 2009, p. 123)

Neste estudo, a dedicatória de *Grande sertão: veredas* coloca-se como ponto de partida e de chegada.

⁴ Texto encontrado em *Época*, 2009, referentes à correspondência datada de 25/8/1938.

Os motivos, o próprio Guimarães Rosa os explicita, no diálogo epistolar estabelecido com Edoardo Bizzarri:

Não me envergonho em admitir que Grande Sertão Veredas me rendeu um montão de dinheiro. A esse respeito, quero dizer uma coisa: enquanto escrevia Grande Sertão, minha mulher sofreu muito, porque eu estava casado com o livro. Por isso dediquei-o a ela, como sou um fanático da sinceridade linguística, isso significou para mim que lhe dei o livro de presente, e, portanto, o dinheiro ganho com esse romance pertence a ela, somente a ela, e pode fazer o que quiser com ele. (ROSA, 2006, p. 158)

A declaração de Rosa põe em destaque uma função explícita da dedicatória do seu romance e todas as consequências materiais e legais que a circunscrevem⁵. No entanto, posta em relevo, e em consonância aos estudos de Genette, outras funções merecem ser requisitadas para a esfera da reflexão, principalmente em se tratando do romance de um autor em que “tudo”, ou quase tudo, deva ser considerado como chave de leitura a suas obras.

Nesse aspecto, merece destaque a correspondência pessoal de Guimarães Rosa, especialmente a trocada com a sua mulher, Aracy Moëbius de Carvalho. O teor desses textos epistolográficos, de caráter primeiramente pessoal, indicaria, também, particularidades acerca do perfil literário do autor mineiro, sua atividade criativa e seu pensamento acerca da literatura e da linguagem.

As cartas trocadas com alguns amigos pessoais e com a própria Aracy iluminaram outros percursos de abordagem, notadamente os concernentes à recepção da obra rosiana. De posse de tais conhecimentos, e debatendo-me ante a inevitável influência desses registros autorais e a escolha de uma análise que privilegiasse, sobretudo, a leitura do tecido literário, a solução a este estudo colocou-se desde sempre como uma questão de fronteiras. *Grande sertão: veredas*, esse livro repleto de zonas fronteiriças, exigia que o pesquisador e leitor fosse, também, um cerzidor, de quem seria exigido o ofício de remendar, unindo textos aos paratextos, o centro às margens, o autor ao narrador, sem que nenhuma parte sobrepujasse a outra.

O dedicar um livro a alguém é equiparado à escrita de cartas, posto que a dedicatória também revele parcela do pensamento e das intenções do autor. Em relação a este tema, Bastos; Cunha; Mignot, em *Destino das letras: história, educação e escrita*, afirmam:

Quando o historiador intervém nos segredos das correspondências privadas, ele propõe uma leitura que não visa tanto desvendar a intimidade suposta, mas compreender as razões e a lógica que presidem essas práticas de escritura e de conversação. (MIGNOT, 2002, p. 82)

No caso específico deste trabalho, o olhar investigador ultrapassa o do historiador, posto que à lógica e à razão presumidas una-se a necessidade de penetrar nos segredos da intimidade, recobrar as intenções do gesto, trazer ao texto analisado algo aparentemente grafado fora dele, mas que diz muito dele. A literatura, por ser um objeto diferenciado, permite tais incursões.

Nos primeiros rascunhos de *Grande sertão: veredas* – material datilografado, com anotações feitas à mão pelo escritor – lê-se a primeira versão da dedicatória da obra, escrita à tinta, na contracapa, à esquerda: “À Aracy, à minha sr^a, pertence esse primeiro rascunho de Grande sertão: veredas. Com todo o carinho de Joãozinho. Rio, 1955.” Confrontado o esboço com o texto que acompanharia definitivamente o livro, veem-se aí os mesmos ímpetus de cortar, substituir e apurar a forma, utilizados pelo autor em sua escritura. A expressão minha senhora seria substituída por “minha mulher” e seria, ainda, acrescido o apelido carinhoso com que Rosa tratava Aracy – Ara, conforme se lê nas cartas trocadas entre ambos.

Estar-se-ia, como em outros espaços do livro, justamente no ponto em que os limites confundem-se, não se podendo separar, por inteiro, a intenção do “Joãozinho” da fala de Riobaldo? Poderíamos também ir adiante, antevendo uma provável presença de Aracy (Ara) no texto ficcional de *Grande sertão: veredas*? Foi preciso, pois, requisitar outras informações acerca da dedicatória, seu significado e lugar no mundo da literatura.

Chartier (2003, p. 56), citando o *Dictionnaire Universel* (1690), lembra-nos uma característica interessante a respeito do verbete “dedicatória”, pois, em francês, o termo utilizado para dedicar um livro – *dédicace* – é similar ao termo designado para consagrar uma igreja – *dediér*. Segundo Chartier, o *Dictionnaire Universel* apresenta sobre a dedicatória:

Dedicatória: Consagração de uma igreja [...]. É também a Epígrafe preliminar de um livro endereçada àquele a quem é dedicado para implorar sua proteção; dedicar: Consagrar uma igreja [...]. Significa também oferecer um livro a alguém para honrá-lo e enaltecê-lo e, frequentemente, para esperar inutilmente alguma recompensa. (*in Formas e sentidos*. Cultura e escrita: entre distinção e apropriação. CHARTIER, 2003, p. 56)

Na esteira das relações que envolvem a proximidade entre o dedicatário e o seu receptor, o ato de dedicar um livro revela em si uma intenção, um interesse contido em

⁵ – Aracy de Carvalho Guimarães Rosa detém os direitos integrais de *Grande sertão: veredas*. No restante da produção literária publicada até sua morte, Aracy e cada uma das filhas têm um terço dos direitos autorais. Na produção inédita, Aracy tem 50% e cada uma das filhas 25%.

seu registro escrito. Apesar de ter passado muito tempo desde as práticas do mecenato até hoje, a dedicatória não deixou de ser uma prática ritualística na qual o dedicatário e o receptor são cúmplices de uma reciprocidade única, em que se vislumbram intenções e sentimentos: registrar é deixar marcas. No caso específico de *Grande sertão: veredas* havia no texto a inscrição de uma doação, uma dádiva, como reconhece o próprio autor. O preâmbulo destaca o caráter simbólico e, às vezes, quase sagrado, impresso em algumas dedicatórias, posto que estas transformem o livro em dádiva.

Em 2004, durante a realização do “Seminário Internacional Guimarães Rosa”, realizado em Belo Horizonte, Elza Miné e Neuma Cavalcanti expõem, em caráter inédito, parte da correspondência trocada entre Aracy Moëbius de Carvalho e Guimarães Rosa, onde se lia mais que as cartas de amor trocadas entre marido e mulher, mas a projeção do papel dela ao de leitora e colaboradora atuante da escrita de Rosa, conforme se lê na carta, de 6 de novembro, 1942:

Serás tudo para mim: mulher, amante, amiga e companheira. Sim, querida, hás-de *ajudar-me, ao escrever os nossos livros*. Não só passarás à máquina o que eu escrever, como poderás auxiliar-me muito. Tu mesma não sabes o que vales. Eu sei. Sei, e sempre disse, que tens extraordinário gosto, para julgar coisas escritas. Muito bom gosto e bom senso crítico. Serás, além de inspiradora, uma colaboradora valiosa, apesar ou talvez mesmo por não teres pretensões de ‘literata pedante’. E estaremos sempre juntos, leremos juntos, passearemos juntos, nos divertiremos juntos, envelheceremos juntos, morreremos juntos. 6 (CAVALCANTI, 2008, p. 426, grifo meu).

No trecho em análise, percebe-se a intenção explicitada por Rosa de incluir Aracy não apenas em sua vida, mas em seu projeto de literatura. Mesmo depois de estarem os dois oficialmente casados (1947), o conteúdo das cartas mantém o tom enamorado. Tratava-se do encontro de pessoas marcadas por afinidades e interesses semelhantes. Aracy, separada do primeiro marido, residia na Alemanha, em companhia do filho, Eduardo Tess; Guimarães Rosa, notório apreciador da beleza feminina, encantou-se com a bela funcionária do consulado. As circunstâncias favoreceram aquele encontro. Na observação das pesquisadoras Miné e Cavalcante, “da primeira à última carta, toma corpo e gritantemente se

afirma a importância efetiva da paulista do bairro de Perdizes na vida do autor mineiro” (p. 428). Aracy e Guimarães Rosa viveriam juntos até 1967, ano da morte do autor⁷.

Auxiliada pelos documentos colhidos pelas pesquisadoras e juntando-os a outros colhidos por mim, em visitas ao Arquivo Guimarães Rosa, no IEB, fui desvendando nessa escrita íntima, não só o papel efetivo de Aracy na vida do autor de *Grande sertão: veredas*, como a dimensão do seu peso e da sua mão na escrita de seus livros. Ela lia e datilografava seus escritos, opinava sobre eles e, ainda, no momento da sua publicação, recortava passagens de jornais e revistas alusivas às obras do marido, servindo, portanto, de testemunho e de registro à recepção crítica das obras de Rosa à época da sua primeira aparição.

Antes de ouvir o testemunho privilegiado das cartas trocadas entre Guimarães Rosa e Aracy Moëbius, destaco um trecho do estudo de Nathalia Campos – “A Narrativa do eu: a carta como intriga biográfica e como gênero literário”:

A carta, um dos mais antigos gêneros da escrita da humanidade, é instrumento que se consagra dialeticamente nos movimentos de construção/desconstrução da figura canônica do escritor. Isso porque ora parece cooperar com um, ora com outro. Comporta, na sua natureza imediata, um comportamento autobiográfico e uma força de testemunho, o que, naturalmente aproxima o sujeito de sua dimensão civil e humana. Como um espaço que favorece o uso da primeira pessoa, a carta traz a promessa irresistível – sobretudo ao leitor da posteridade, quando já incide sobre o escritor toda uma glória e um folclore (eminentemente biográfico) – da “entrega” definitiva desse sujeito, a revelação categórica dele (Já que é feita por ele mesmo), o que permitiria, assim como definiu Barthes, juntar com o diário íntimo em mãos, pessoa e obra. (SAID e NUNES (org.), 2010, p. 11-23).

O excerto põe em relevo as características do texto epistolar, em que se lê a dimensão e a legitimidade de um relato de confissão, produto da revelação de um “eu”, que se descobre ante o clima de intimidade e informalidade. A carta, como via de mão dupla, revela a dinâmica entre dois seres, o remetente e o destinatário, estabelecendo um jogo de aproximação da qual a crítica pode se valer como importante registro.

A essência humana, que a ficção não revela totalmente, é encontrada por meio dessa escrita pessoal. À recepção da carta, duas possibilidades de leitura colocam-se: de um lado, a confissão do “eu”; do outro lado, o lugar da centralidade do sujeito que escreve, no qual ele tenta se manifestar. Enfim, a escrita dessas cartas coloca a vida

⁶ MINÉ e CAVALCANTE, 2008, p. 426-443.

⁷ – Aracy nasceu em Rio Negro, Paraná, em 1908, mas foi criada em São Paulo, para onde migrou com a família, ainda criança. Falava três línguas além do português: inglês, alemão e francês. Na Alemanha, onde conheceu Guimarães Rosa, foi chefe da Seção de passaportes. Ver texto completo em MILAN, Pollianna. “A heroína que o povo não conheceu”. In *Gazeta do Povo*, 2010, p. 8.

e a obra de Guimarães Rosa num eixo de especularidade, pois, por meio das cartas-espelho, pode-se ter acesso, a um só tempo, ao mundo da obra e ao mundo do sujeito.

O fragmento da carta, escrita por Rosa à companheira, datada de 19 de junho de 1945, estando Aracy em São Paulo e Guimarães Rosa no Rio de Janeiro, é revelador:

De sábado para domingo, por exemplo, mergulhei no livro, os galos cantaram todas as vezes do programa, e, quando parei, eram cinco horas da manhã. Tudo irá bem, mas melhor ficaria se a minha mulherzinha estivesse ao meu lado, lendo, passando pitos ou comentando as notícias do jornal, mas, principalmente revendo os meus escritos e dando a sua acertada opinião. Digo isto, porque *introduzi todas aquelas alterações propostas por você, as quais achei muito justas*, perfeitas. (CAVALCANTE, 2008, p. 432, grifo meu).

A data da carta, seu teor e a análise de correspondências posteriores levam a crer que o livro ao qual se refere Rosa era *Sagarana*, publicado em 1946, e reafirmam a dimensão da influência de Aracy nos escritos do marido, sobretudo porque ela atuava como sua primeira e privilegiada leitora.

Há, nas cartas trocadas entre ambos, vários registros acerca de *Sagarana*, como o que se lê no fragmento da correspondência destinada à Aracy, datada de 28 de fevereiro de 1946, estando Guimarães Rosa no Rio de Janeiro e a sua companheira em Poços de Caldas:

Espero que ao regressares, já encontrarás o *nosso SAGARANA* a tua espera [...] quando vires coisas interessantes ou pitorescas, vai tomando notas, que podem servir para algum próximo livro. (CAVALCANTE, 2008, p. 432, grifo meu).

Em 12 de março do mesmo ano, estando Aracy ainda em Poços de Caldas, verifica-se nova menção ao livro, sempre tratado pelo autor como “nosso”:

Pedir-te-ei pelo menos mais uma das excursões, diferentes, especialmente para mim: para tomares nota das paisagens, e fornecê-las ao teu maridinho, para o *nosso* próximo livro [...]. Houve demora, quanto ao *SAGARANA* *nosso*, porque as provas estiveram extraviadas. (CAVALCANTE, 2008, p. 433).

Em 24 de março de 1946, com o retorno de Aracy a São Paulo, Guimarães Rosa volta a escrever-lhe, falando de *Sagarana*:

O teu, o nosso SAGARANA parece-me estar perto de ficar pronto. [...] Quem sabe já encontrarás o volume pronto, e poderás trazer contigo o primeiro exemplar?

(Para essa eventualidade, conviria levares contigo esta carta, quando fores lá, pois facilitaria para conseguir que te confiassem o exemplar). Seriam duas alegrias enormes: a chegada de ARA e SAGARANA! (Mas em caso de perigo – TOI! TOI! TOI! – joga fora o Sagarana e venha só a ARA, que é trezentos bilhões de vezes mais importante para mim). (CAVALCANTE, 2008, p. 433, grifo meu).

O jogo de sonoridade estabelecido entre Ara/Sagarana demonstra que o narrador misturava-se ao homem, ao mesmo tempo em que reforça a ideia de que Aracy estava mais presente na criação ficcional de Rosa do que normalmente se supõe. O último trecho é revelador: ali se conhece o homem Guimarães Rosa, que, por meio de uma desabrida confissão íntima, revela-se enamorado.

No Arquivo Aracy Moëbius de Carvalho – Guimarães Rosa, IEB/USP, (Cx: 04- CÓD- CP 01-) intitulado “Correspondências”, encontro um bilhete de Aracy a João Guimarães Rosa. No envelope escrevera apenas: “Para o meu Joãozinho!”; contendo a seguinte mensagem, aqui reproduzida em forma quase especular:

Rio- 4 de abril de 1946-
Triunfo e felicidade pelo nascimento de “Sagarana”,
meu querido Joãozinho! Sempre tua
sag- ARA- ana.

O conteúdo do bilhete evidencia o comportamento de ambos face ao livro, e enfatiza para o pesquisador que Aracy também entrara no jogo entabulado pelo marido, reorganizando a cena da vida real com engenho lúdico. Inscreve-se no nome da obra com a autoridade de quem é fonte de inspiração e colaboradora.

Em carta de 24 novembro, de 1946, Rosa voltaria a se referir a *Sagarana*, entre metáforas à Aracy: “Para mim tuas cartas são como marmelada, doce de laranja, aipim, manjar branco, artigo elogiando ‘Sagarana’ no suplemento do jornal... *Oh, Ara, que feitiço é esse?*” (2008, p. 432, grifo meu). O encadeamento de todas essas “doçuras” culmina com o elogio a *Sagarana*, no jornal: a vida íntima, entretecida com a recepção da obra do autor, reforça a noção de que há algo mais no estudo da escrita epistolar que a curiosidade em violar a vida alheia. O grifo feito por mim realça uma qualidade que Rosa também colocara em Diadorim – a capacidade de enfeitiçar.

Na entrevista concedida a Gilberto Cavalcanti, quando Guimarães Rosa ainda estava vivo, Aracy menciona *Grande sertão: veredas*, revelando que dele também participara como leitora; “[tendo] acompanhado a sua escrita, tin-tin por tin-tin, desde o seu início”. Ressalta, ainda, que o livro era um de seus preferidos, especialmente por ter sido dedicado a ela:

À medida que os capítulos ficavam prontos, eram lidos para mim. Sagarana é outro que gosto imensamente. No dia que ficou composto, mandou-nos o editor, de imediato, alguns exemplares. Joãozinho não estava em Casa. Comprei então rosas e cerquei-as com os livros. (CAVALCANTE, 2008, p. 434).

O cartão encontrado no acervo de Aracy de Moëbius, datado de 04 de abril de 1946, certamente referia-se a esse dia memorável do “nascimento” de *Sagarana*, como ela menciona. Quanto à dedicatória, volto a ela, pois, e já autorizada por essa correspondência de namorados, cujos sinais apontam reiteradas vezes para a importância de Aracy Moëbius de Carvalho na vida do escritor João Guimarães Rosa.

Neuma Cavalcante declara que “Aracy era a grande personagem da vida de Guimarães Rosa”⁸. Alguns segmentos da crítica chegam a apontar em Diadorim características de Aracy, como se sugerissem que Guimarães Rosa teria se inspirado na companheira para construir o amigo de Riobaldo. Comparados, alguns trechos de carta com certas passagens do romance, evidenciam semelhanças inequívocas:

Querida,

O que dizes numa das cartas também acontece comigo: a cada coisa bonita ou interessante que vejo, entristece-me não ter-te ao meu lado, para compartilhar do meu prazer; e assim, acabo deixando de achar interesse em muita coisa. Contigo, meu amor, é que eu poderia apreciar realmente Paris e suas belezas. E por isso fico a imaginar o dia em que aqui poderemos estar juntos. (Fragmento retirado de carta datada de 11 de novembro de 1946, quando Rosa vai à França integrando a delegação brasileira em busca da paz e Aracy ficara em São Paulo.). (CAVALCANTE, 2008, p. 439).

Esse Guimarães Rosa é visivelmente irmão de Riobaldo, que confessa que toda a beleza que via no sertão lhe fora sugerida por Diadorim. Na carta de 25 de agosto de 1946, Guimarães Rosa já expressara que também via a paisagem dos lugares de forma mais bela com a presença de Aracy: “Se fosse a minha Ara quem aqui estivesse chegando, Paris passaria a ser realmente, para mim, a mais bela das cidades.” (2008, p. 442).

Não sou a única a suspeitar da presença de Aracy na narrativa do romance rosiano. Bernardo Marçola, na sua tese de doutorado, detém-se diante da interjeição “ara”,

muitas vezes utilizada na fala do jagunço Riobaldo, e leva para o rodapé do texto – outra vez sou atirada às margens – a significativa pergunta “Ara... Aracy?”

A pergunta, multiplicada em ecos sucessivos, viria até mim, num feliz e gratificante acaso de leitura.⁹ Eu havia pinçado da fala do narrador alguns instantes de ambiguidade que poderiam sugerir que o uso de tal interjeição, mais que signo de uso recorrente na fala do sertanejo de Minas Gerais (e de fato o é), fosse também sinal de outro diálogo estabelecido no tecido discursivo de *Grande sertão: veredas*.

Nas ambiguidades da língua rosiana, a bifurcação dos sentidos seria também um chamamento a Aracy? Nesse trecho, parece-me que a interjeição se projeta além das páginas do livro, transformando-se em vocativo, Ara, de Aracy, como a indicar que a fala, um duplo de personagem e de autor, se dirigisse a ela:

Assim pararam, o balançar da guerra parou, até o almoço, em boa hora. E então conto o do que ri, que se riu: uma borboleta vistosa veio voando, antes entrada janelas adentro, quando junto com as balas, que o couro de boi levantavam; assim repicava o espairar, o vôo de reverências, não achasse o que achasse – e era uma borboleta dessas de cor azul-esverdeada, afora as pintas, e de asas de ardor. – “Ara, viva, maria boa-sorte!” – o Jiribe gritou. Alto ela entendesse. Ela era quase a paz. (ROSA, 2001, p. 353, grifo meu.).

A guerra travada entre os jagunços na fazenda dos Tucanos mostra-se duplamente abalada: a linguagem até então dura e masculina, em que a descrição leva o olhar do leitor para a morte dos companheiros, o mau cheiro dos cadáveres, o cansaço e o suor dos homens, torna-se momentaneamente suavizada por uma pausa, um súbito frescor feminino, uma borboleta. Nesse trecho, vê-se algo mais que um belo instante de poesia; delineia-se também uma presença possível de mulher: “Ara”, a mesma Ara destacada na dedicatória definitiva da obra, a primeira leitora do romance de Rosa.

Poder-se-ia estender a homenagem do autor à sua esposa para além do espaço comum da dedicatória? Cada vez mais isso se torna matéria de convencimento para mim. Vários sinais são indicativos de que a dedicatória da obra poderia estar inserida no corpo da narrativa, podendo ser lida como fragmento do texto, do qual efetivamente participa ou como outro modo de dizê-lo. Dessa forma, cheguei ao trânsito inquieto da pedra-joia de Arassuaí, de que fala o romance rosiano: “Agora, destino da gente, o senhor veja: eu trouxe a pedra de topázio para dar a Diadorim; ficou sendo para Otacília, por mimo: e hoje ela se possui é em mão de minha mulher.” (ROSA, 2001, p. 77). Riobaldo classifica tal pedra como “a davidva daquela pedra”, remetendo o leitor aos significantes

⁸ O trabalho pode ser lido na íntegra em CAVALCANTE, Neuma. Aracy: esposa, cúmplice, companheira, inspiração. In: SEMINÁRIO MULHER E LITERATURA, 9, 2001, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte, 2001.

⁹ MARÇOLA. *A porosidade poética de Riobaldo, o cerzidor: ritmo, transcendência e experiência estética em Grande sertão: veredas*. (2006, p. 187).

“dádiva” e “vida”. As relações estabelecidas entre a pedra e o destino do narrador abriam caminhos para outros olhares.

No dito de Riobaldo, que ligava os rumos da pedra ao do destino, lia-se a conclusão de um homem maduro, que verificava que nem tudo se pautava por uma questão de escolha. Quisera dar a pedra a Diadorim, mas esta, por força de algo exterior à sua vontade, “ficou sendo” de Otacília, e acrescenta o narrador, depois dos sugestivos dois pontos colocados pelo escritor: “e hoje ela se possui é em mão de minha mulher”. A conjunção “e” da frase expressa valor similar ao da conjunção “mas”, especialmente se se levar em conta o uso dos dois pontos no período. Acrescente-se ainda o fato de que, nas vezes que Riobaldo fez uso da expressão “minha mulher”, ele não a utiliza junto ao nome de Otacília. Seria esta, de fato, uma referência à Otacília ou estar-se-ia diante de outra estrutura ambígua no romance, que permitiria que o leitor pudesse inferir tratar-se de outra mulher? Uma leitura atenta do livro apontar-me-ia alguns sinais intrigantes.

A primeira vez que Riobaldo faz uso da expressão “minha mulher” é ainda na parte introdutória do seu relato (2001, p. 31), quando ele ainda se apresenta a seu interlocutor: “*Minha mulher*, que o senhor sabe, zela por mim: reza muito. Ela é uma abençoável”. Não havia indícios na fala do sertanejo de que ele era casado, o que se saberá na segunda metade do romance. Em momento adiantado da narrativa será revelado que o nome da esposa de Riobaldo é Otacília, mas o seu nome não virá atrelado à expressão “minha mulher”, conforme se vê, a seguir. Convém assinalar a troca de palavras na dedicatória, entre o rascunho de *Grande sertão: veredas* e sua primeira edição, em que Rosa suprime a expressão “minha senhora”, substituindo-a por “minha mulher”.

Quando Riobaldo relata a seu hóspede que pagava a uma preta de nome Maria Leôncia para rezar por ele, um terço todos os dias, aos domingos um rosário, acrescenta: “*Minha mulher* não vê mal nisso.” (2001, p. 32). A terceira referência vem páginas adiante, depois de o jagunço lembrar-se das guerras entre os sertanejos e voltar ao presente, advertindo a seu ouvinte de que aquele era um tempo de paz: “De mim, pessoa, vivo para *minha mulher*, que tudo modo – melhor merece, e para a devoção. Bem-querer de *minha mulher* foi que me auxiliou, rezas dela, graças. Amor vem de amor.” (2001, p. 40)¹⁰. A repetição dos termos evoca uma redundância necessária, pois aumenta

a carga significativa que incide sobre o termo repetido, acentuando-o e ampliando-o, numa perspectiva ambígua.

Rosa empregaria adiante as mesmas palavras, dessa vez logo depois de referir-se a Diadorim: “*Minha mulher* que não me ouça. Moço: toda saudade é um a espécie de velhice.” (2001, p. 56). A ênfase dada à expressão levaria o leitor a procurar o nome dessa mulher tantas vezes aludida e não nominada. O nome de Otacília só seria mencionado bem adiante, e em circunstâncias diferentes, como se o narrador se referisse a uma terceira pessoa, distante:

Repensei coisas de cabeça-branca. Ou eu variava? A saudade que me dependeu foi de Otacília. Moça que dava amor por mim, existia nas Serras dos Gerais – Buritis Altos, cabeceira de vereda – na Fazenda Santa Catarina. Me airei nela, como a diguisse duma música, *outra água* eu provava. (ROSA, 2001, p. 67, grifo meu).

Riobaldo só viria a se deter em Otacília, escrevendo o momento de encontro dos dois, somente na página 173. A expressão “minha mulher”, entretanto, voltaria a ser mencionada, na página 115, quando relata o fato de lhe ter chegado, com oito anos de atraso, uma carta de Nhorinhá: “Eu já estava casado. Gosto da *minha mulher*, sempre gostei, e hoje mais”. Essa cisão entre o nome de Otacília e a expressão “minha mulher” poderia ser mais uma das estratégias de adiamento de informações adotadas pelo narrador, como o da revelação bem tardia da identidade de Diadorim, mas sugeria uma possibilidade de leitura de mão dupla na narrativa: Otacília seria a esposa de Riobaldo, mas o tratamento de “minha mulher” só Aracy o teria, colado ali na dedicatória, na personagem da vida: “A Aracy, *minha mulher*, Ara/ pertence este livro”.

A análise da correspondência do casal Guimarães Rosa, demonstra como o autor desdobrava-se em elogios contínuos à Aracy, chamando-a sempre “Minha Mulher”, como se lê a seguir:

Sinto e tenho a necessidade tremenda de sentir o amor como cousa NÃO HUMANA, SUPER-HUMANA, sublime, acima de tudo merecendo todos os sacrifícios, mesmo os mais inauditos. Sempre precisei disto. Isto ou nada. ‘Ou a perfeição, ou a pândega!’ Não me satisfaria um amor burguês, morno, conformado, dosado, racionando sobre conveniências ou inconveniências. Quando conheci você, estava já descrente de encontrar a mulher que seria a MINHA, capaz de sentir como eu e amar assim. (Bogotá, 24/3/1943. In 2008, p. 430).

Sublinhe-se, nesse trecho de correspondência, que Guimarães Rosa tece considerações acerca do amor burguês, “morno, conformado, dosado”, que é o amor de Otacília no romance, colocando Aracy acima das

¹⁰ – Em artigo, René Daniel Decol relata pormenores da vida de Rosa e Aracy. Entre eles, o fato de Aracy ir à missa todos os domingos, dia que Guimarães Rosa faleceu: “No domingo, 19 de novembro de 1967, três dias depois de tomar posse na Academia Brasileira de Letras, ato que vinha adiando por superstição, Guimarães Rosa brincava com a neta Vera Tess. Como fazia todo domingo, ela saiu com a avó Aracy para ir à missa da tarde na capela do Forte de Copacabana”. (07/05/2007). Conf. em www.digestivocultural.com/ensaios. Acesso em: 03, jul, 2010.

conveniências sociais. O amor, confessado nessa carta de enamorado, é incontido, exagerado. O ardor demonstrado é similar ao que Riobaldo sente por Diadorim:

Diz-que-direi ao senhor o que nem tanto é sabido: sempre que se começa a ter amor por alguém, no ramerrão, o amor pega e cresce é porque, de certo jeito, a gente quer que isso seja, e vai, na ideia, querendo e ajudando; mas, quando é destino dado, maior que o miúdo, a gente ama inteiriço fatal, carecendo de querer, e é um só facear com as surpresas. Amor desse, cresce primeiro; brota é depois. (ROSA, 2001, p. 155).

A leitura das cartas escritas por Guimarães Rosa evidenciaria que o casal viveu separadamente grande parte do tempo. O fato de não ter o casamento reconhecido pelas leis brasileiras nem sempre possibilitaria que fossem transferidos para as mesmas embaixadas. Entre Aracy Moëbius de Carvalho Guimarães Rosa e o escritor havia um jogo de presença-ausência, semelhante ao existente entre os personagens Riobaldo e Diadorim. Salvaguardadas as diferenças óbvias, o romance que o livro encena apresenta proximidade especular com o romance que a vida apresenta. É o que se pode ler, em outro momento, no livro, em que se pode intuir a delicadeza da poética da língua e a da homenagem sutil. Trata-se da passagem em que Riobaldo descreve o primeiro encontro com Diadorim:

Foi o menino quem me mostrou. E chamou minha atenção para o mato da beira, em pé, paredão, feito à régua regulado, – “As flores...” – ele prezou. No alto eram muitas flores, subitamente vermelhas, de olho-de-boi e de outras trepadeiras, e as roxas, do mucunã, que é um feijão bravo; porque se estava no mês de maio, digo – tempo de comprar arroz, quem não pôde plantar. Um pássaro cantou. Nhambú? E periquitos, bandos, passavam voando por cima de nós. Não me esqueci de nada, o senhor vê. Aquele menino, como eu ia poder deslembrar? Um papagaio vermelho: – “Arara for?” – ele me disse. (ROSA, 2001, p. 120, grifo meu).

Na descrição da beleza, aprendida dos olhos de Diadorim, um nome de pássaro em destaque, musicável, “ara” duas vezes (sublinhe-se, aqui, que o nome do pássaro vem grafado com inicial maiúscula, o que intensifica a ambiguidade do trecho). Aqui cabe uma informação sobre a dedicatória do romance, retirada de correspondência que Rosa trocou com Meyer-Clason:

Estive pensando, talvez seja melhor, nela, suprimir a palavra Ara – que em alemão é “arara”. E a dedicatória deve ser em palavras mais simples: “meiner Frau” e “wen dieses Buch gehoert”, tanto mais que ela marca é um fato: todos os direitos autorais, aqui e no estrangeiro, do Grande sertão: veredas, são dela... (ROSA, 2003, p. 186).

Além disso, em se tratando de um escritor afeito às charadas e aos jogos linguísticos, poder-se-ia ler o “for” da ficção como a preposição em inglês, cuja tradução é “para” ou “por”, resultando nas expressões “para Ara” ou “por Ara”, o que, aliás, parece-me fazer mais sentido.

Tudo poderia ser possível de ler na poesia do romance, principalmente porque Aracy, conforme se sabe, era uma das fontes de pesquisa mais próximas de Guimarães Rosa: em suas viagens eram contínuos os pedidos do escritor para que ela fizesse registro de tudo quanto visse de interessante ou pitoresco, a fim de que ele, posteriormente, pudesse aproveitar em sua escrita.

A fatuidade, a sensação de que existe uma lei maior regendo a vida dos homens para além da sua vontade e escolha, a submissão deste às leis do destino é característica reconhecida no romance rosiano. Também Rosa dera mostras de que acreditava piamente que sua vida seria comandada por forças superiores, caso que se aplica, exemplarmente, à já repetida resistência do autor em tomar posse na Academia Brasileira de Letras, com o argumento de que, tão logo isso acontecesse, viria a falecer.

Em relação à presença de Aracy em sua vida o escritor parecia se conduzir pelas mesmas crenças fatalistas, como se lê no trecho publicado por Cavalcante e Miné: “Pensando em Ara./ Os outros eu conheci por ocioso acaso. A ti vim encontrar porque era preciso” (2008, p. 443). E arrematou a frase com o sinal característico: m%. Referencial de autoria ou referência à posse ciumenta de amante?

Nas cartas de amor escritas por Guimarães Rosa, Ara (de Aracy) configura-se como a mulher a quem ele confessadamente amava. Fora a sua companheira em vida e ganhara uma singular homenagem em seu único romance. Lido de dentro para fora como de fora para dentro, conforme nos sugere o sinal da *lemniscata* que encerra a obra, o livro permitiu que se misturassem, como num jogo de espelhos, as entidades da ficção com as entidades da vida. O nome de solteira de Aracy era Aracy Moëbius de Carvalho: outro nome que é dado ao sinal que encerra a estória, a fita de Möebius¹¹. Seu nome – Ara e Moëbius – poderia ter sido inscrito no início e no fim da obra que lhe pertencia?

Esta análise carece de outra informação. O casamento de Aracy e João Guimarães Rosa aconteceu dez anos depois que se conheceram, na embaixada do México, pois no Brasil ainda não havia sido legalizado o

¹¹ Laço de Moebius (ou Möbius): Descoberto pelo matemático e astrônomo alemão Ferdinand Möbius (1790-1868), que lhe deu o nome. O laço de Möebius é uma superfície bidimensional, formada de um só lado, possível por meio da junção de duas extremidades de uma fita invertida, resultando numa figura em que as duas faces eram simultaneamente internas e externas, sem início ou fim.

divórcio. Privada do tradicional anel de casamento coube a ela o legado do livro: *Grande Sertão: veredas*. Seria o livro a pedra-joia que lhe era dada como símbolo do seu casamento?

Referências

- BRUM, Eliane. O último desejo de Guimarães Rosa. *Revista Época*, 18 set. 2009. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,ERT12760-15220-12760-3934,00.html>>. Acesso em: 12 nov. 2011.
- CAMPOS, Nathalia. A Narrativa do eu: a carta como intriga biográfica e como gênero literário. In: SAID, Roberto; NUNES, Sandra. (Org.). *Margens Teóricas*. Memórias e Acervos Literários. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 11-23.
- CAVALCANTE, Neuma. Aracy: esposa, cúmplice, companheira, inspiração. In: SEMINÁRIO MULHER E LITERATURA, 9, 2001, Belo Horizonte: *Anais...* Belo Horizonte, 2001.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2003. p. 56.
- DECOL, René Daniel. Aracy Guimarães Rosa. Disponível em: <www.digestivocultural.com/ensaios>. Acesso em: 03 jul. 2010.
- FANTINI, Marli. (Org.). *A poética migrante de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GENETTE, Gerard. *Paratexts: Thresholds of Interpretation*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, March 1977.
- LEITE, Dante Moreira. Campo Geral. *Psicologia e Literatura*. 4. ed. São Paulo: Huicitec-Ed. Unesp, 1987.
- LORENZ, Günter. Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo F. (Org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. p. 62-100. (Coleção Fortuna Crítica).
- MARÇOLA, Bernardo Andrade. *A porosidade poética de Riobaldo, o cerzidor: ritmo, transcendência e experiência estética em Grande sertão: veredas*. 2006. 270 p. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- MINÉ, Elza; CAVALCANTE, Neuma. Memória de leitura e rememoração de viagem: cartas de João Guimarães Rosa para Aracy de Carvalho Guimarães Rosa. In: FANTINI, Marli. (Org.). *A poética migrante de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 426-443.
- MILAN, Pollianna. A heroína que o povo não conheceu. In: *Gazeta do Povo*, Vida e Cidadania, 09 out. 2010. p. 8.
- PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: José Aguilar Ed., 1972. p. 164.
- REBELLO, Ivana Ferrante. *Poética de atrito: pedras, jogo e movimento no Grande sertão*. 2011. 248 p. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.
- Revista Veja*, Edição 2048, 20 fev. 2008.
- ROSA, João Guimarães. *Correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason*. Org. e notas Maria Aparecida Faria M. Bussolotti. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Academia Brasileira de Letras; Belo Horizonte, MG: Ed. da UFMG, 2003.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Recebido: 14 de outubro de 2013
Aprovado: 28 de novembro de 2013
Contato: ivanaferrante@hotmail.com